

FAZER-SE SINAL... SER SINAL

Entre os dias 3 e 5 de novembro, na Maison Notre-Dame du Chant d'Oiseaux, em Bruxelles decorreram o Conselho de Administração e a Assembleia Geral da FICPM.

Aproveitando este Encontro Internacional, os CPM interdiocesano de Bruxelas, de Brabant wallon, de Liège, de Luxemburgo, de Namur e de Tournai, com a participação da FICPM organizaram um dia de formação em torno da temática “Fazer-se sinal...ser sinal”, questionamentos e recursos para acompanhamento na pastoral da preparação para o matrimónio.

Tratou-se de Jornadas de Encontro e de Partilha que contaram com a presença do Assistente Espiritual, Pe. Fernando Pascoal, dos delegados dos vários países membros da FICPM e com um grande grupo de pessoas que trabalham no CPM e na pastoral da família na Bélgica e no Luxemburgo.



Grupo de representantes da FICPM

Os trabalhos foram iluminados pelas intervenções dos sacerdote Arthur Buekens, da diocese de Tournai, e Benoît Lobet, da província de Hainau, .que apresentam as suas propostas de preparação para o matrimónio, nos nossos dias.

Apresentamos um breve resumo das conferências proferidas.

TRANSMITIR... TUDO MENOS ÓBVIO...!

Arthur Buekens começou a sua intervenção com uma questão: “Como transmitir a vontade de seguir Cristo aos mais jovens?” Acrescentando que esta pergunta se vem colocando há vários anos e que ainda não encontrou resposta para ela. No entanto tem encontrado algumas pistas, juntamente com outros que também se têm debruçado sobre esta questão, e vai partilhar um pouco dessas pistas nesta comunicação. Citou o Papa Francisco num discurso proferido a 2 de agosto de 2017 em que dizia “ O que quer dizer ser cristão? É olhar a luz, continuar a professar fé na luz, mesmo quando o mundo está envolvido pela escuridão e pelas trevas.” Lembrou também as palavras do Superior dos Jesuítas que há pouco tempo apareceram numa publicação “ Evangelizar, é nem obrigar, nem impor, é propor!”

Partindo destes pressupostos é preciso ainda perceber que a transmissão do que quer que seja só acontece se houver um emissor, um recetor e uma mensagem. E para que a transmissão se faça é preciso estabelecer uma comunicação entre emissor e recetor e isso não acontece automaticamente. É importante verificar se estamos no mesmo registo, isto é, quais são as verdadeiras motivações que levam os noivos a fazer a preparação para o matrimónio, se é por tradição, para agradar à família, para fazer uma cerimónia bonita..., ou se estão abertos ao encontro com o Deus de Jesus Cristo que os acompanhantes de CPM têm como objetivo anunciar.

Por isso é fundamental abrir uma linha de comunicação entre os noivos e os casais CPM, com uma real abertura de parte a parte, para que possa haver transmissão. Uma vez aberta a linha de comunicação é preciso verificar se se fala a mesma linguagem. Trata-se não só de atualizar a linguagem mas sobretudo de mudar a mensagem, de perceber o que os noivos procuram e por vezes até ajudá-los na própria procura, para que se revele, sem juízos de valor, sem os querer transformar, com mais ou menos o seu consentimento, “sem obrigar, nem impor, mas sempre propondo.” E se Deus é amor e é esta a imagem de Deus que queremos transmitir-lhes, então temos de abandonar a linguagem dogmática e catequética para adotar a linguagem simbólica, a linguagem que não encerra mas que deixa perceber que há mais qualquer coisa a completar constantemente.

Arthur Buekens alertou ainda para algumas perturbações que podem acontecer e que podem comprometer a transmissão:

- algumas tradições cristãs revestidas de superstições e que não revelam o amor de Deus;
- algumas correntes religiosas que coexistem hoje na nossa sociedade de múltiplas convicções, muito toleradas mas que não se confrontam numa benevolência mútua e recíproca;
- alguns modos de vida dos cristãos que não são reveladores da adesão ao Deus de Jesus Cristo.

Por outro lado apresentou também elementos facilitadores da transmissão:

- o trabalho em equipa;
- os tempos de formação;

- os exemplos admiráveis de pessoas verdadeiramente importantes como membros do povo de Deus (como o Papa Francisco, por exemplo);
- pessoas anónimas mas verdadeiras testemunhas impressionantes que nos impulsionam e nos revelam o caminho a seguir;
- pequenas comunidades cristãs vivas e comprometidas com a justiça e a defesa dos mais marginalizados.

Nós não somos mais do que testemunhas mais ou menos fiéis, mais ou menos credíveis, no entanto indispensáveis, pois é em nós que se manifesta hoje o espírito de Deus. Um espírito de amor entre o Pai e o Filho. E esta é uma pista a aprofundar, para ser testemunha hoje do Deus tal como foi revelado pelo homem Jesus de Nazaré, um Deus que não é o Todo- Poderoso, que não é o Deus de um só povo, mas que é Pai, Filho e Espírito Santo. É este Deus que temos de transmitir, que é relacionamento poderoso entre o Pai, o Filho e o seu Espírito de amor e que, no entanto, a partir daí não se impõe nunca a ninguém, mas que se alia a todos, sem perguntar com quem...

O espírito que nos acompanha, enviado pelo Filho, depois do Pai o ter feito revelar-se de entre os mortos, este Espírito abre hoje connosco e graças a nós para que sejamos as testemunhas da Boa Nova de Jesus aos homens e mulheres que nós apoiamos. E apresenta o discurso de Jesus na sinagoga de Nazaré: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.”* (Lc 4,18-19; cf Is 61,1-2). *“Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele.”* (Lc 4,20).

Anunciar o Deus Trindade, ser testemunha deste Deus é continuar o que Jesus começou. O Papa Francisco não se cansa de repetir que “Somos muito mais inclinados a delegar, a dissertar, a redigir documentos. É basicamente uma atitude humana...” reconhece o Papa, mas os problemas da fome, da malnutrição e do acesso aos recursos requerem “uma vontade, um envolvimento e ações.” O que podemos então fazer? O Papa responde “reduzir o desperdício, mudar o estilo de vida porque a sobriedade não se opõe ao desenvolvimento, pelo contrário, é uma condição sine qua non.” Quando o Papa nos convida a viver a misericórdia, chama-nos a agir, a fazer obras de misericórdia. Para transmitir, para se fazer sinal e para ser sinal é preciso um emissor, um recetor, uma comunicação, elementos perturbadores e outros facilitadores e enfim o conteúdo da mensagem a transmitir dentro do contexto mundial duma sociedade profundamente injusta, imoral como nos diz o Papa Francisco.

Arthur Buekens terminou a sua intervenção deixando alguns desafios:

- como podemos desenvolver as nossas capacidades para propor em vez de querer convencer;
- como trabalhar as nossas imagens de Deus, particularmente um Deus chamado “relação de Amor” e “Emanuel”: Deus entre os homens;
- como testemunhar uma fé ativa mais do que uma fé em definições catequéticas ou dogmáticas;
- como viver o quotidiano em coerência com a nossa fé num Deus que toma partido sistematicamente pelos mais marginalizados;

- como contribuir para “a instauração duma administração adequada da casa comum” que é uma das maneiras de hoje dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede...

Estes são os desafios atuais e juntos devemos continuar a dar resposta.

FAZER-SE SINAL HOJE

Benoît Lobet iniciou a sua comunicação contextualizando a situação dos noivos que pedem o matrimónio. Assim, há noivos que vêm pedir o matrimónio porque desejam o casamento civil e qualquer coisa mais, acrescentando que é sobretudo destes noivos que nos vai falar. A grande maioria destes casais não faz a mínima ideia do que significa a vida cristã no seu coração. No entanto, muitos deles têm frequentemente um passado católico, com cursos de religião, participação em movimentos de jovens,..., o que significa que a instituição católica também enfrenta dificuldades em transmitir a fé cristã. No entanto, os noivos estão determinados a querer o sacramento, o que eles mal sabem ser um sacramento, e isto porque têm uma conceção da sua vida amorosa como algo que deve durar para sempre e acreditam que o sacramento irá contribuir para essa duração. Esta conceção não é baseada na fé, mas sim na psicologia e no desejo, e muitas vezes, poderão dizer os especialistas, apenas na ilusão do desejo amoroso.

Podemos apresentar-lhes as múltiplas dificuldades da duração de um casamento que nada os vai fazer mudar a ideia de uma estabilidade perfeita e que é evidentemente onírica.

Isto levanta algumas questões e a primeira é a questão da fé. O pedido do sacramento feito pela maioria dos casais não é um pedido que vem da sua fé mas sim do desejo amoroso e, mais precisamente, do seu desejo de ver o seu amor durar. O casamento sacramental é visto por eles, apenas como uma garantia suplementar de duração ou de seriedade. O problema consiste então em desconstruir e reenquadrar a partir da fé cristã, uma vez que o sacramento do matrimónio, como todos os sacramentos, é um sacramento de fé e na fé.

Do ponto de vista da pastoral, este problema consiste em ajustar a oferta à procura, isto é: a décalage entre o que é pedido e aquilo que se propõe. Pede-se uma bênção, um suporte que segure uma relação mas o que efetivamente se propõe é de outra ordem, é a fé cristã um sinal de aliança inabalável entre Deus e a humanidade, selada na morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Perante esta distância entre o que se procura e o que se oferece, como podemos abrir caminho? A primeira proposta consiste, como nos diz o papa Francisco, em retomar uma oferta catequética para os noivos ...

Então, e o que é a catequese? É o anúncio estranho e magnífico, desconcertante, da ressurreição de Cristo. Não estamos aqui no campo da moral, da gestão quotidiana das dificuldades conjugais, mas no anúncio de Boa Nova, (do Evangelho) enigmática que transfigura toda a realidade humana. Isto pressupõe sair de uma pregação moral, deixar uma visão moralista da fé cristã, porque a fé cristã não é uma moral, mas sim uma saudação oferecida gratuitamente independentemente dos méritos ou dos esforços

concedidos. É verdade que a ética tem lugar na fé mas o seu lugar está do lado da resposta, é responsorial. É preciso confessar que isto pede uma conversão radical das nossas mentalidades e das nossas práticas catequéticas... mesmo dentro do CPM.

Relacionar a ética com a vida das pessoas que vêm até nós, é colocar em correlação a fé cristã no seu *Kerigma* (a ressurreição de Cristo como Boa Nova para cada um e para todos) e a vida dos noivos, da evocação da sua aliança na recuperação dos fracassos inevitáveis. Isto pressupõe um aprofundamento na análise das situações de vida duma parte e do *Kerigma* de outra, para que a situação de vida seja iluminada pela fé cristã. E é a partir daqui que podemos evocar a sacramentalidade do casamento cristão, isto é o casamento como sinal e meio da aliança entre Deus e os homens, em Cristo. É o aspeto do compromisso e do testemunho que aqui é visado.

O que o CPM deve transmitir aos noivos é que “o sacramento do matrimónio torna a união conjugal um lugar de ressurreição e testemunha o Cristo ressuscitado como Boa Nova para o mundo, através da própria vida conjugal”, porque esta é a verdadeira fé e espiritualidade dos cristãos.

Após cada uma das conferências houve trabalhos de grupo onde os participantes tiveram oportunidade de esclarecer dúvidas, apresentar as suas reflexões e partilhar experiências.

Foi um dia de jornadas muito profícuo e muito proveitoso vivido em ambiente de muita alegria e esperança como nos exorta o evangelho da família.

O casal delegado de Portugal na FICPM
Esmeralda e Paulo Lima